

V Seminário de Linguagens em Educação Infantil
Título do Trabalho: **ERA UMA VEZ... DUAS E TRÊS... POSSIBILIDADES DE
LER/CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**
Autora: Aline Tatiana Ribeiro
Escola de Educação Infantil Casa da Gente

Vôo

Alheias e nossas as palavras voam.
Bando de borboletas multicores, as palavras voam
Bando azul de andorinhas, bando de gaivotas brancas, as palavras voam.
Viam as palavras como águias imensas.
Como escuros morcegos como negros abutres, as palavras voam.

Oh! alto e baixo em círculos e retas acima de nós, em
redor de nós as palavras voam.
E às vezes pousam.

(Cecília Meireles)

Como tudo começou?

Esta comunicação tem o objetivo de relatar um trabalho de leitura e contação de histórias realizado com crianças de 2 a 3 anos (Maternal II) durante o 1º semestre de 2007, na Escola de Educação Infantil Casa da Gente, instituição particular que atua em Campinas há 23 anos.

A Escola fundamenta seu trabalho na linha pedagógica Sócio-Interacionista. Organiza seu Currículo por projetos de trabalho, partindo de temas centrais - ora escolhidos pelas diferentes turmas ora propostos pelas professoras – frente às necessidades do grupo.

O início deste ano foi marcado pelo encontro das crianças que já estudavam na escola (cursaram o Maternal I em 2006), com a nova professora, com a auxiliar, assim como pela exploração do espaço da sala de aula, maior e com novidades em relação ao espaço utilizado no ano anterior. As primeiras semanas foram dedicadas ao estabelecimento de vínculos afetivos e a adaptação dos novos alunos.

O grupo é formado por 16 alunos com idades entre 2 e 3 anos. São crianças com personalidades e características bastante diferentes e intensas. Ao longo do primeiro trimestre foi possível perceber a necessidade de desenvolver um projeto que trabalhasse a autonomia, a concentração, o respeito e a capacidade de escutar o outro, o saber esperar a vez, a construção da identidade, o desenvolvimento da imaginação, formas adequadas para expressar idéias e sentimentos, de compartilhar conhecimento, trabalhar a linguagem oral e que fosse, também, prazeroso para as crianças. Assim nasceu, por escolha da professora, o Projeto: “Era uma vez... duas e três... possibilidades de ler/contar histórias na educação infantil”.

A prática educativa não tem receita pronta. É preciso experimentar, tendo bom senso e ética, para encontrar a melhor forma de realizar cada projeto, cada atividade com as crianças. Para isso acontecer efetivamente é necessário planejamento, teoria e prática formando uma tríade capaz de tornar qualquer atividade produtiva.

Os alunos da Turma do Elefante e do Coelho demonstravam desde o início do ano grande empatia quando era proposta uma roda de leitura ou “contação”. É visível o prazer que as crianças têm, desde muito cedo, em ouvir histórias, narrativas que facilitam a aproximação e o fortalecimento dos vínculos afetivos, um dos objetivos com este projeto e que traz avanços positivos no desenvolvimento global das crianças.

Acreditando que a leitura e a “contação” de histórias era um meio para tornar tudo isso possível foi necessário a elaboração de um planejamento.

Questões levantadas pelo educador para iniciar o planejamento do projeto. (antecipação)

Durante uma semana foram lidas e contadas histórias previamente selecionadas e preparadas com o objetivo de observar a postura, a receptividade e a necessidade das crianças. Foram feitas anotações a partir das quais foram levantadas as seguintes perguntas:

- o que fazer para que as crianças se interessem e participem das propostas de leitura e “contação”?
- o que fazer para que as crianças não se dispersem durante a atividade
- como escolher as histórias que serão lidas ou contadas? Como saber quais são mais interessantes? Que critérios utilizar na seleção?
- como preparar a história? Que recursos utilizar?
- o que fazer ao terminar a história?
- de que forma constatar que os objetivos estão sendo atingidos?

Com essas perguntas e com os objetivos já definidos a rede foi montada.

A Rede



Desenvolvimento do Projeto

No decorrer do projeto surgiram algumas dúvidas:

- É necessário um local fixo para contar histórias?
- A escolha do título/tema é importante para garantir o interesse das crianças?
- A maneira como eu leio ou conto interfere na atenção e compreensão?
- É necessária a utilização de recursos para entreter os alunos?

No início a escolha de um local fixo foi muito importante para as crianças sentirem-se mais seguras. Para ambientar o “Canto da Leitura e da “Contação” de Histórias”, pedimos para os pais enviarem 3 livros, montando nossa “Biblioteca de Classe”. Organizamos em um varal montado em um dos cantos da sala, decorado, com a ajuda das crianças, para este fim. No dia seguinte li a história Colcha de Retalhos de Conceil C. da Silva e sugeri ao grupo a confecção de uma colcha como a da história, para usarmos nas nossas rodas. As crianças adoraram a idéia e assim fizemos a colcha e almofadas para o canto. Outra estratégia utilizada nestes momentos foi o toque de um sino. Sempre que ia iniciar uma leitura ou “contação” soava umas badaladas e as crianças já iam se aproximando.

As escolhas dos títulos são de suma importância, sendo fundamental selecionar textos adequados a faixa etária das crianças, que não sejam muito longos e que tenham ilustrações interessantes. Além disso, houve a preocupação de mostrar às crianças diferentes textos: histórias, contos, parlendas, contos de fadas, gibis, textos jornalísticos, publicitários, poemas, poesias, dentre outros, apresentados de formas diversificadas: leituras, “contações” – com fantoches, sucatas, fantasias, com o corpo, etc.

Histórias lidas:

- Para se ter uma floresta, de João Proteti
- Chapéus, de Dominique Maes
- Qual é a cor do amor?, de Linda Strachan
- A Colcha de Retalhos. Conceil C. da Silva
- Sabe de quem era aquele rabinho?, de Elza Cesar Sallut
- Como é que eu era quando era bebê?, de Jeanne Willis
- Quem é quem, de Lalau
- Bruxa, Bruxa, venha a minha festa, de Arden Druce
- Sons divertidos, de Dugald Steer
- A casa sonolenta, de Audrey Wood
- A arca de Noé, de Vinícius de Moraes
- Estela – estrela do mar, de Marie-Louise Gay

- Cinderela, de Walt Disney
- O homem que amava caixas, de Stephen Michael King
- Meus Porquinhos, de Audrey Wood
- Armazém do Folclore, de Ricardo Azevedo
- O Grúfalo, de Julia Donaldson
- Gibi da Mônica nº 211: o esconderijo quase perfeito, de Maurício de Sousa
- OH!, de Josse Goffin

Histórias contadas

- Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque
- A chave – Contos desenhados, de Per Gustavsson
- Os três porquinhos, de Walt Disney
- Cachinhos dourados, recontado por Ana Maria Machado
- Chapeuzinho Vermelho, traduzido por Camile Mendrot

A escolha consciente e de bons títulos, um ambiente acolhedor, um momento mais tranquilo foram fatores determinantes para o bom andamento do projeto. Quando são realizadas leituras dispensa-se o uso de recursos, pois o próprio texto é suficiente para prender a atenção das crianças. No caso das “contações” lançar mão de um objeto, de um acessório, de fantoches ou do próprio corpo são válidos para aguçar a imaginação das crianças, desde que sem exageros.

No final de cada história conversamos um pouco. Às vezes perguntava o que acharam, o que mais lhe chamaram atenção, recontando o enredo, questionando a identificação com algum personagem, dando espaço para perguntarem algo sobre a história, e dando a oportunidade para que todos manuseassem os livros ou fantoches utilizados.

No início não tive a preocupação em fazer registros plásticos. Tirava fotos, filmava e anotava como tinha sido a atividade. Depois de algumas semanas passei a fazer estes registros após algumas leituras ou “contações”.

O papel do professor

Na fase do 0 aos 6 anos há um notório desenvolvimento lingüístico, físico, perceptivo, motor e social que pode ser acentuado com o trabalho literário.

No início o livro é só um brinquedo e a presença do adulto é fundamental para que a criança compreenda qual é o verdadeiro sentido que ele tem e suas múltiplas possibilidades. Aos poucos elas vão manipulando, explorando e conhecendo o livro. Às vezes podem rasgá-los ou rabiscá-lo antes de aprenderem a ter o devido cuidado com este material.

Pode-se pensar que não se deve dar um livro antes que a criança possa ler convencionalmente, mas segundo Paulo Freire a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

E esse 1º tipo de leitura é fornecido através da prática de leituras e “contações”, sendo também uma forma de iniciar o entendimento das funções e da estrutura da linguagem escrita.

Comportamento leitor

Um dos desafios da escola, segundo Delia Lerner é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam “decifrar” o sistema de escrita. E para tornar isso real é preciso que o professor encarne em sala de aula os comportamentos que são típicos do leitor, que proporcione a oportunidade a seus alunos de participar em atos de leitura que ele mesmo está realizando, que trave com eles uma relação “de leitor para leitor”.

Ao ler para as crianças, o professor “ensina” como se faz para ler. Tudo é importante desde a forma como se posiciona o livro, viram as páginas, procura-se algo no índice, diz-se o nome do título, do autor, da editora, dar dicas sobre a história olhando as ilustrações da capa, e até quando se fecha o livro e guarda. Aos poucos as crianças adquirem esses hábitos.

Ler e contar histórias para as crianças é uma atividade muito importante. Através delas as crianças se divertem, se informam, estimulam a imaginação, a fantasia e a criação, além de contribuir para a superação de medos, angústias e dúvidas que elas tenham.

Porém, há diferenças entre ler e contar. A linguagem oral e a linguagem escrita são duas variedades da linguagem.

As histórias contadas oralmente têm uma força de transmissão oral, isto é: a voz, o olhar e o gesto vivo do contador de histórias, que alegra ou entristece sua platéia. Na “contação” usam-se as próprias palavras, há variações nas versões de cada história, permite-se o uso de recursos e está mais próxima da oralidade. A criança aprende mais sobre a língua que se fala, amplia seu repertório e seu universo imaginário, percebe que as histórias podem ser mudadas e começa a criar suas próprias histórias.

Ao ler o professor apresenta aos alunos o universo letrado, instigam a curiosidade pelos livros e seus conteúdos. Neste caso a história é sempre a mesma, independente de quem a lê. Podemos modificar a entonação, a altura ou timbre da voz, mas o texto é sempre o mesmo. A leitura traz consigo marcas específicas da língua escrita e que não utilizamos cotidianamente ao falar.

OBJETIVOS COM A CONTAÇÃO:

- desenvolver a linguagem oral;
- valorizar a perpetuação do hábito de contar histórias;
- aguçar a imaginação;
- aprendam a contar suas próprias histórias;
- saber escutar o outro;

OBJETIVOS COM A LEITURA:

- despertar o gosto pela leitura;
- desenvolver o comportamento leitor;
- trabalhar conceitos;
- ingressar a criança no universo letrado;

Passos para o sucesso do projeto – constatações

Durante essas atividades foi possível constatar algumas práticas que são necessárias para garantir o desenvolvimento e sucesso do projeto. São elas:

- **HORA MARCADA:** a “roda” de história deve ser acrescentada à rotina e acontecer, quase sempre, no mesmo horário para se tornar um hábito. É importante escolher momentos de maior tranquilidade, isso facilita a concentração e o interesse das crianças.

- **LUGAR CONVIDATIVO E ACONCHEGANTE:** assim deve ser o espaço preparado para as crianças sentirem-se bem, e a vontade, na hora da leitura ou contação de história. Uma dica é ter um tapete ou almofadas. Mas isso não impede que se realize esta atividade em outros lugares como embaixo de uma árvore, no parque, na biblioteca, na sala de aula ou onde sua imaginação permitir.

- **POSTURA DO PROFESSOR:** o professor deve ler (em voz alta) a história antes que faça isso com as crianças. É importante que tenha conhecimento das falas, que saiba o “desenrolar” da história para conduzir de forma instigante a leitura. Essa dica também é válida quando for contar uma história, ensaie antes, prepare-se para não enfrentar surpresas desagradáveis. Outro fator importante é o exemplo do comportamento leitor.

- **PLANEJAMENTO E ESCOLHA:** considerar a faixa etária e as características do grupo. Escolher títulos interessantes, com bons textos e ilustrações. Não se esquecer de apresentar para a criança os vários tipos de textos: histórias, contos de fadas, gibis, matérias de jornais e revistas, poemas e poesias, trava-línguas, rimas, literaturas de cordel, textos publicitários, dentre outros.

- **RECURSOS:** durante uma leitura não é necessário nenhum tipo de recurso, a não ser o da voz, para prender a atenção das crianças, um bom livro é suficiente para que isso aconteça. Já na contação é permitido lançar mão de recursos para torná-la mais interessante e convidativa, mas sem exageros. A utilização de objetos pode ajudar a criança a imaginar e a construir a narrativa. Um xale, chapéu, óculos podem ser suficientes ou fantoches (de vara, de mão, de dedo), sucatas, sons, o próprio corpo, etc.

- **UM CONVITE:** antes de começar a ler ou contar uma história aguçe a curiosidade das crianças. Apresente o livro, diga o nome do autor e do ilustrador para que elas comecem a se familiarizar com os nomes e estilos de cada um, dê dicas de forma objetiva e clara. Ao longo da atividade ela estará internamente mais organizada, situada e interessada.

- **E AGORA...** ao terminar converse com o grupo sobre a atividade. O que acharam, que parte mais lhe chamaram a atenção, se conseguem recontar a história, quais sentimentos e sensações foram despertados e se desejar registre isso com eles.

Conclusão – um baú de histórias

Hoje, no final do semestre é possível perceber o quanto às crianças estão envolvidas no projeto de leitura e “contação”. Ao simples movimento de estender a Colcha de Retalhos ou o soar do sino vê-se as crianças se aproximando do “canto” para a “Hora da História”.

É comum ouvi-las imitando a fala da professora: “- *Hoje eu trouxe uma história diferente para vocês*”. “- *Vocês não vão acreditar no que eu tenho aqui!*”, ou então conversarem sobre a história e os personagens. Pedem para contar a história de novo ou para brincar de “lobo-mau” no parque. Algumas até comentaram em casa, com os pais, sobre uma história ou parte dela.

Isso sem falar na aquisição do comportamento leitor que é possível ver quando escolhem, sentam e folheiam os livros da Biblioteca de Classe.

Constatações positivas que certificam que o Projeto está no caminho certo e que práticas como essas são fundamentais para o educador contribuir de forma consciente no desenvolvimento infantil.

Bibliografia

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- ARAÚJO, F. Ulisses. *Temas transversais e a estratégia de projetos*. São Paulo: Moderna, 2003.
- BRESCIANE, Ana Lúcia Antunes. “Era uma vez” para crianças pequenas. *Avisa lá*, São Paulo, n. 27, p. 12-19, jul. 2006.
- FRAGOSO, Graça Maria. Formando o leitor. *Revista do professor*, Rio Pardo, n. 71, p.5-8, jul.-set. 2002.
- FRAUENDORF, Renata. *Ler é diferente de contar histórias*. Campinas: Escola do Sítio, 2007.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- NALINI, Denise. O que fazer após ler uma história para crianças. *Avisa lá*, São Paulo. n.22, p. 38-41, abr. 2005.
- NASCIMENTO, Katilian D. M. do. Um baú de histórias para ler e contar. *Avisa lá*, São Paulo, n. 16, p. 10-13, out. 2003.
- PEIXOTO, Mylena Kelly de Sá B., Contação de história. *Revista do professor*, Rio Pardo, n. 86, p. 11-13, abr.-jun. 2006.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.